

Prefácio

Media, Participação Cívica, Movimentos Sociais, Democracia e Populismo

Diferentes padrões de comunicação (on-line e off-line) podem influenciar os indivíduos a terem comportamentos específicos em relação à participação cívica e à adesão a movimentos sociais de diferentes âmbitos e campos ideológicos.

Como os públicos têm a oportunidade de canalizar as suas ideias através de comportamentos na Internet a literatura geralmente identifica a Internet como um espaço público que promove a ação coletiva e reconhece que a tecnologia tem moldado a estrutura e a identidade de movimentos sociais e grupos ideológicos.

A análise das influências diretas e indiretas das práticas mediáticas no envolvimento cívico deve considerar que a democracia não é um conceito estático e que esse envolvimento também é influenciado pelas instituições políticas.

Os media amplificam os discursos políticos e esta mediação constrói socialmente eventos. O “envolvimento mediado” dos cidadãos tanto pode incrementar o comprometimento cívico como a manipulação política.

Neste número especial da Interações propomos uma reflexão sobre Media, Participação Cívica, Movimentos Sociais, Democracia e Populismo. Os trabalhos publicados apresentam resultados de investigação empírica e/ou reflexão teórica sobre movimentos sociais e contra-narrativas mediáticas, participação cívica e media alternativos, representações mediáticas de ativismo, discursos e narrativas hegemónicas de uma ideologia dominante nos media, novas formas de envolvimento cívico e político numa perspetiva geracional, políticas públicas e os seus impactos sociais, entre outros.

O volume abre com um artigo de Ana Suzina sobre as práticas mediáticas durante os protestos de 2013 no Brasil. O texto centra-se na dinâmica das manifestações desse ano, tomando-as como um microcosmo representativo de uma cultura mediatizada emergente, revelando a natureza fortemente assimétrica da esfera mediática brasileira. Através da análise de conteúdo quali-quantitativa de um caso e com recurso a entrevistas qualitativas a ativistas, o objetivo deste artigo é ouvir a voz dos media e a dos

atores (ativistas e jornalistas de media alternativos). A análise revelou dois momentos principais da cobertura mediática: o primeiro é caracterizado por uma abordagem negativa, onde os manifestantes foram retratados como vândalos e a repressão da polícia justificada; o segundo momento revela peças jornalísticas predominantemente neutras e positivas, relatando os protestos com mais detalhes e caracterizando os manifestantes como cidadãos em protesto pelos seus direitos. Ana Suzina conclui que o uso de plataformas alternativas de comunicação, especialmente as redes sociais, foi central para denunciar a violência e revelar o viés da cobertura dos media de comunicação tradicionais. A apropriação das plataformas digitais consolidou-se como forma de desenvolver e tornar visíveis as narrativas alternativas.

Naide Muller aborda a representação do conceito de ativismo nos canais de serviço público em Portugal no ano de 2017. A partir da análise de conteúdo noticioso na informação da RTP1 e RTP2, a autora verificou que os assuntos cobertos e as causas que têm maior representatividade são internacionais, estando relacionadas com questões políticas e direitos humanos. O artigo permite ainda concluir que “os programas informativos da RTP1 e da RTP2 não destacam a ação dos grupos ativistas que praticaram atos violentos, nem revelam indícios de cobertura audiovisual sensacionalista. Por outro lado, são privilegiadas as ações concretas no terreno, cujos porta-vozes são os cidadãos comuns ao nível micro”.

O artigo de Anastasiya Jurkevits centra-se nas narrativas mediáticas do discurso oficial de “longevidade ativa” na Bielorrússia no período 2017-2018, com o objetivo de explorar os significados que eles transmitem na sociedade, e qual a imagem da realidade social que representam e constroem. A análise permite concluir que existe uma narrativa oficial propagada pelos media que associa a “longevidade ativa” a produtividade laboral e utilidade para a sociedade. A autora aponta que esta narrativa visa desconstruir as perspetivas populares sobre a velhice, ignorando a necessidade de humanização dos idosos e privilegiando um paradigma económico.

As tecnologias de informação e comunicação (TIC) no quotidiano social da pessoa idosa são trabalhadas no artigo de José Mendes. Através de uma revisão de estudos empíricos, o autor reflete sobre o fenómeno do envelhecimento nas sociedades contemporâneas e as TIC enquanto agente facilitador da vida quotidiana dos cidadãos mais velhos. O artigo aponta para o facto de que “a investigação na avaliação das TIC pelas pessoas idosas concentra-se mais nas vantagens voltadas para o cuidado e capacidades funcionais sendo mais negligenciados aspetos como as potencialidades da utilização das TIC no quotidiano da pessoa idosa (i.e., participação cívica)”.

O artigo de Ignazio Tejero estuda o impacto social da política de legalização de cannabis no Uruguai. Um inquérito aplicado a habitantes de quatro municípios uruguaios fronteiriços com o Brasil revela que um terço dos inquiridos foi ou é consumidor de cannabis, através de canais principalmente informais. A maioria dos inquiridos deste estudo nunca utilizou cannabis (68,1%), não conhece os objetivos da lei de legalização da cannabis (77,4%) e apenas 20% acreditam que é uma forma de combater o narcotráfico. O artigo analisa ainda efeitos e percepções sobre o consumo, a vários níveis, sempre em relação com a problemática da sua legalização.

O volume encerra com dois ensaios. O primeiro, da autoria de Henrique Vicente, intitula-se “Psicanálise e Vida: Mitologia e Cinema” e foi o texto da oração de sapiência proferida em 21 de novembro de 2018 na Cerimónia Solene de Abertura do Ano Letivo no Instituto Superior Miguel Torga. O autor desenvolve uma análise psicanalítica de duas produções cinematográficas contemporâneas de ficção científica: as trilogias de “Star Wars” e “Back to the Future”. Henrique Vicente conclui que “a arte cinematográfica, enquanto linguagem artística contemporânea, ‘reinventa’ o mito em ficção arquetípica. A ciência psicanalítica faculta os instrumentos que permitem analisar a reatualização do campo mitológico no cinema e o mito é ‘redescoberto”.

A partir de uma abordagem de marketing, no segundo ensaio, Gupta, Hassan, Agarwal e Bhasin equacionam estratégias de comunicação sobre campanhas de vacinação, tendo em conta a inclusão social dos mais vulneráveis, difíceis de alcançar e pobres. Os autores propõem um modelo denominado “*Vaccination Communication Model*” que visa fornecer uma abordagem a uma estratégia de comunicação de imunização que possa ser reproduzida em países em desenvolvimento, dotando os indivíduos e as comunidades de competências que permitam a sua formação como “capacitadores”.

Inês Amaral
Maria João Barata
Vasco Almeida